

Objetividade e subjetividade no conhecimento etnocenológico

Frederico Ramos Oliveira
graduado

Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Ator, professor, cambono

Resumo: Parte-se das idéias dos três mundos de Carl Popper como modelo para o trabalho conceitual e pragmático com os objetos da etnocenologia. Reflexões sobre a objetividade e subjetividade do conhecimento dentro da e sobre a realização cênica encaminharam uma investigação sobre a natureza dessas sabedorias. Para se pensar as relações de continuidade e descontinuidade entre teoria e prática, são realizadas investigações sobre a interação e inter-influência dos corpos-materiais dos performers-sujeitos com os diferentes e respectivos construtos-imateriais (lendas, mitologias, personagens, instruções, ficções, codificações técnicas, falas, orientações diversas, normas, teorias, modas, conceitos, etc). No processo da objetivação teríamos construção de objetos que servem para identificar estrategicamente certas particularidades na complexidade e continuidade dos mundos. A abordagem apontou também para a construção de sujeitos que ocorreriam orientada/mediada/influenciada por signos, símbolos e toda sorte de cultura humana. O processo no qual o performer fisicaliza seu corpo no mundo é entendido como orientado por essas abstrações objetivadas e não como uma encarnação delas. Nesse mesmo sentido (que percebe descontinuidades nas relações psicofísicas) o objeto é definido como nomeação arbitrária e não como representação fiel da realidade. O desenvolvimento dessa investigação iluminou também o entendimento de continuidades importantes. Pensamento e corpo (como pólos da materialidade) são colocados em comparação de polaridade com a linguagem e a mente (como pólos da imaterialidade). O estudo encaminhou princípios e elementos para uma psicofísica da performance ou “do desempenho cênico” que alertou para uma ecologia cultural, na qual seriam discutidas as implicações ético-morais da produção de objetos e sujeitos culturais.

Palavras-chave: Ator, psicofísica, objeto, subjetividade

Criar um objeto é nomear particularidades do mundo complexo, identificando e isolando essas existências em construtos abstratos que usamos para reconhecer o conhecido. Potencializando sua ação biológica, o homo sapiens desenvolveu uma mente objetivadora que torna a subjetividade humana cada vez mais imersa, dependente e constituída em outro mundo além do físico. Esse entendimento pode colaborar para investigações do **trânsito** entre teoria e prática no trabalho de ator e outros objetos etnocenológicos. Considerando que a obra de arte carrega em si conceito (e portanto teoria), como distinguir essa situação de uma discussão das idéias que são feitas *sobre* o trabalho de ator e do pensamento que faz acontecer e efetivamente funciona *dentro* desse fenômeno? Pela objetivação e cultura dois mundos passam a determinar as formas e as vidas do sujeito humano. Um é material (físico-corpóreo) outro é imaterial (simbólico-significativo). No meio dessas contingências está o sujeito homo sapiens. Ele é determinado em sua subjetividade tanto pelos efeitos de sua carne, ossos, nervos e sangue quanto pela influência de símbolos, significados e toda sorte de cultura. Tal compreensão desenha a subjetividade humana como uma

unidade polar, uma espécie de continuidade entre psique imaterial (mental) e fisicalidade material (corporal).

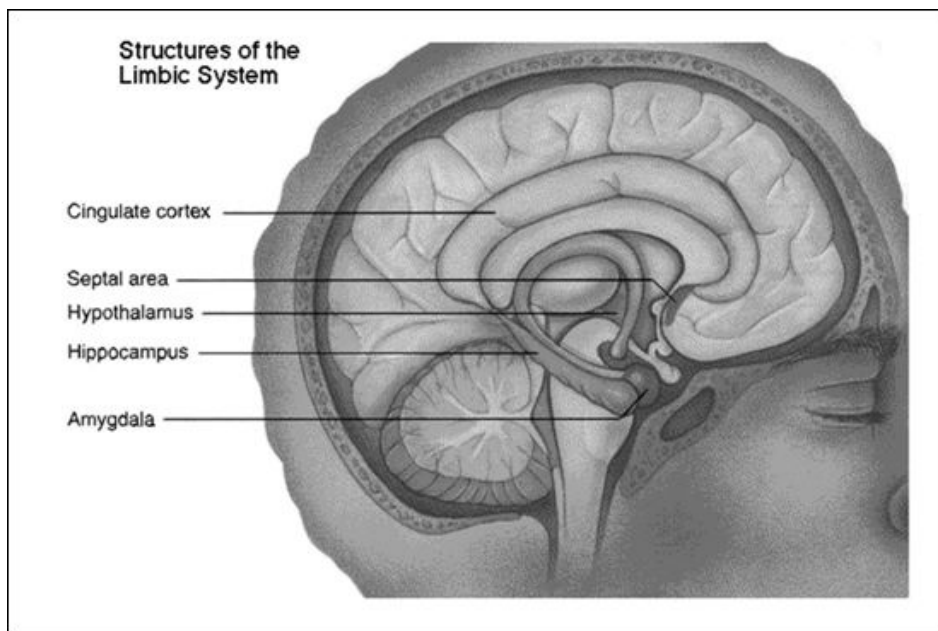
Para Popper, o conhecimento objetivo habita o mundo 3, o plano em que existem e interagem toda sorte de construções abstratas. No mundo 1 temos a fisicalidade das coisas e sua realidade concreta. Interagindo nesses dois mundos e incrementando a idéia de que formas imateriais interferem no mundo material, Popper apresenta um mundo 2 como plano da subjetividade e dos estados mentais (psíquicos) e corporais (físicos). Temos, então, três planos interativos para conceber a realidade (cultural) humana. As dinâmicas entre os elementos psíquicos imateriais e os concretos do corpo no espaço-tempo acontecem nos diferentes objetos etnocenológicos e a qualidade dessa interação determina o desempenho em cada trabalho. Popper definiu uma distinção entre conhecimento objetivo e subjetivo. O primeiro é aquele constituído na forma de linguagem objetivada e que tem existência estável numa identidade como objeto e construto mental (conceitos, idéias, personagens, ficções, equações, melodias, signos, símbolos, seqüências de ações imaginadas, memórias e compassos, personagens, fórmulas matemáticas, chaves de códigos, palavras, narrativas, teorias, etc.). Popper descreve o conhecimento subjetivo como uma “predisposição para agir”.

Teorias interferem e determinam o mundo físico no treino orientado por técnicas de biomecânica da corrida. Esses parâmetros abstratos irão orientar os ajustes psicorporais que o corredor deverá provocar voluntariamente durante o treino físico. Num primeiro momento, o trabalho técnico se dará em nível cortical do cérebro para depois serem instaladas funções sub-corticais. Esse movimento de influência e repercussão da abstração (mundo 3) em níveis mais profundos e ancestrais (mundos 1 e 2) completa a apropriação da técnica (objetiva) pelo corpo (subjetivo) que corre. O nível cortical é o mais externo e evoluído do cérebro. Nessa superfície (entre tantas outras) são processadas as informações dos processos voluntários do movimento, sendo a região frontal no humano relacionada ao pensamento abstrato.



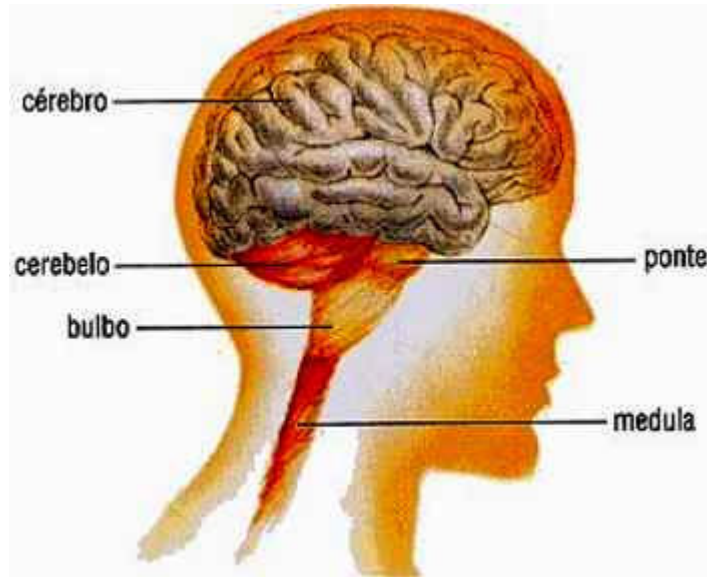
<http://science.nationalgeographic.com/staticfiles/NGS/Shared/StaticFiles/Science/Images/Content/human-brain-vis304784-lw.jpg>

O nível sub-cortical é aquele em que se originam as funções mais básicas do corpo vivo, como o equilíbrio e emoções. Sub-corticalmente temos o sistema límbico, região associada aos estados emocionais:



<http://pewforum.org/newassets/images/transcripts/brain/slide17.jpg>

E a base do cérebro: o complexo bulbo raquidiano, ponte e cerebelo. Aqui nesse último, o movimento corporal é tratado em seus fatores involuntários e mais básicos, como o equilíbrio gravitacional.



www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/corpo-humano-sistema-nervoso/imagens/divisao-do-sistema-nervoso-16.jpg

No caso do corredor que aprende tecnicamente a correr melhor (e com todo o corpo conhecendo junto) temos uma efetiva situação em que o conhecimento objetivo (técnicas de biomecânica) foi subjetivado no psicorpo de uma pessoa. Com a aplicação prática da indicação teórica de ajuste postural podemos ampliar o tônus de uma musculatura específica do atleta e desenvolver um circuito cerebral com o qual ele corra melhor. Tal processo pode ser entendido como uma interação entre o imaterial e material: a idéia-técnica-teoria (tratadas inicialmente a nível cortical) orienta a vivência física diferenciada que acaba instalando funções cerebrais sub-corticais. Partes do cérebro que cuidam de movimento involuntário são afetadas em suas funções por aplicação prática de objetivações estratégicas. Essa afetação ocorre com especificidade determinada por uma abstração também específica. Tal correspondência permite que o conhecimento objetivo possa ajudar a construir estrategicamente o conhecimento subjetivo: alguém que aprende e sabe corre melhor. Isso não quer dizer que haja uma passagem transcendental do mundo das idéias para o mundo físico, o que configuraria um dualismo psicofísico difícil de engolir hoje. A continuidade de um mundo ao outro acontece por meio do sujeito. A abstração orienta seus fluxos de pensamento e as fixações que ocorrem nele por meio da linguagem. Não se trata de fisicalização ou materialização

imediate de idéias em concretos equivalentes. Os processos mentais e corporais acontecem integrados na subjetividade do performer. Não ocorre uma “trans-substanciación” dos substantivos abstratos da técnica objetiva em substantivos concretos da técnica corporificada.

Em os *Nagô e a Morte* temos na nota 8 da página 19: “geralmente, os sacerdotes ou iniciados não se recordam das sequências inteiras nem da ordem dos cânticos fora da cerimônia. As gravações *in loco* servem de referência mnemotécnica.” De fato, a minha experiência na performance ritualística da Umbanda insiste que a posse do conhecimento objetivo não garante uma boa performance. Terreiro do século XXI, minha casa permite o uso de recursos digitais de MP3. Por mais repetidas que sejam as audições e por mais lembradas que sejam os cânticos fora do ritual, no momento da gira acabamos lembrando e performando melhor as músicas que efetivamente aprendemos DENTRO da gira. É claro para nós o adiantamento de tempo que o suporte tecnológico traz, mas é também evidente que as cantigas precisam afetar a carne (nível físico) e o coração (nível límbico, subjetivo). Por vezes chegamos a usar “colas” escritas para cantar os pontos, mas tal procedimento nunca surtiu efeito satisfatório. O filho de santo experimenta processos que conduzem sua individuação orientada pela simbologia altamente complexa da milenar cultura africana. Construções interativas de objetos e sujeitos também acontecem em outros sistemas culturais e cada um é orientado por suas próprias formas de pensamento e linguagem.

O ator que pretende agir de modo integral ações estranhas à ele mesmo, mas familiares ao personagem, precisa identificar-se nessa alteridade, ou melhor, nessa alteração de sua identidade. A identificação (subjetivação) do ator não precisa acontecer com “toda a vida de um personagem”, mas nas ações psicofísicas que apresenta em cena. Urge uma dilatação da pessoa original que precisa aprender a “provocar” ou “seduzir” quando um papel pré-definido assim exige a ação apresentada com verdade. A integração psicofísica mal sucedida é aquela em que a informação ficou restrita à mecânica conformação da objetivação no corpo físico e não conseguiu desencadear os processos mais profundos na sua subjetividade. O performer modifica padrões estéticos do comportamento da sua pessoa (modulações de corpo e voz em ritmo, sequenciações de ações físicas, etc) orientado por objetivações (falas, indicações cênicas, letras de música, etapas ritualísticas, arquétipos, simbologias, lendas e circunstâncias dadas, coreografias, etc). A demanda por organicização de objetivações acontece também na fala e no movimento do ator quando ele precisa criar ação carnal orientada por abstrações pré-definidas.

A consolidação da etnocologia demanda um questionamento sobre sua gnosiologia, ou seja, um estudo sobre a natureza desse conhecimento. Podemos indagar se o científico é único modelo para a construção e validação de conhecimento. Podemos questionar se os critérios e rigores da ciência poderiam inibir ou obstaculizar os fluxos de pensamento e linguagem que constroem o

fenômeno cênico. A orientação epistêmica serviria para suas orientações científicas, mas considerando a vocação transdisciplinar da etnocologia, haverias outros caminhos para sua gnosiologia? Examinando essas questões, pareceu-me uma provocação de Chuck Berry parte da letra de *Johnny B. Goode*. A canção fala de uma cabana “*Em que vivia um garoto caipira chamado Johnny B. Goode / que nunca jamais aprendeu a ler ou a escrever bem / mas podia tocar a guitarra como quem toca a campainha*”. As palavras da frase do meio são ditas na música com uma velocidade e ritmo tais que exigem do cantor uma habilidade de dicção dilatada. Trata-se de conhecimento subjetivo que não se constitui pela “inteligência tradicional”, nem pela simples clareza e distinção de orientações técnico-objetivas. É preciso engajamento psicofísico intenso e identificação para serem instalados não só a mecânica envolvida na dicção, mas também algum sentido ético-moral para que o performer se presente integralmente na cena, de rock no caso. Tal conhecimento subjetivo acaba constituindo o próprio sujeito e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELBEIN, dos Santos, Juana. *Os Nagô e a Morte*. Petrópolis: Vozes, 2002
- POPPER, KARL - *Conhecimento Objetivo*. Itatiaia: Belo Horizonte, 1975